REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

TRANSPOSIÇÃO DOS SENTIDOS ÉTICOS: DE UMA ÉTICA *NO* CORPO PARA UMA ÉTICA DEMOCRÁTICA *DO* CORPO

TRANSPOSITION OF ETHICAL SENSES: FROM AN ETHICS *IN THE* BODY TO A DEMOCRATIC ETHICS *OF THE* BODY

Alice Maria Corrêa Medina
Universidade de Brasília – UnB – Brasília/DF, Brasil

Resumo: Este ensaio textual, apresenta e discute sobre os processos relacionados a produção e a incorporação de sentidos, alusivas aos comportamentos, como consequências corporais. A ética é inserida como elemento dialógico sem, contudo, incorrer, em uma discussão filosófica, cujo foco principal está relacionado aos processos de criação e participação integrada do corpo, como uma forma de representação humana. Discorre sobre o valor da educação, como um ambiente de possibilidades, localizando e discutindo o corpo relativo e absoluto, enquanto protagonista em seu devir, a partir de uma transposição direcionada, no sentido de uma ética *no* para uma ética *do* corpo, legitimamente incorporada.

Palavras-chaves: Educação. Corpo. Incorporação. Ética.

Abstract: This textual essay presents and discusses the processes related to production and incorporation of senses, alluding to behaviors, as body consequences. Ethics is inserted as a dialogical element without, however, incurring in a philosophical discussion, whose main focus is on the processes of integrated body creation and participation, as a form of human representation. It discusses the value of education, as an environment of possibilities, locating and discussing the relative and absolute body, as a protagonist in its becoming, from a directed transposition, in the sense of an ethic in the to an ethic of the body, legitimately incorporated.

Keywords: Education. Body. Incorporation. Ethic.

Introdução

O presente texto se propõe a apresentar e discutir sobre os processos de produção e incorporação de sentidos, a luz das práticas utilizadas como recursos e estratégias visando, a produção de comportamentos sociais. Em especial, a ética é convidada a participar do diálogo, entretanto, muito mais do que uma discussão filosófica sobre a ética o texto tem como foco os processos de criação e participação integrada do corpo, nos ambientes contextuais, como uma representação da unidade humana.

Alice Maria Corrêa Medina - TRANSPOSIÇÃO DOS SENTIDOS ÉTICOS: DE UMA ÉTICA NO CORPO PARA UMA ÉTICA DEMOCRÁTICA DO CORPO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-21, e1326, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

O caminho trilhado, historicamente, em relação ao conhecimento, no que se refere aos estudos, pesquisas e reflexões, relacionadas ao corpo incidem sobre a concepção de um corpo separado da mente, concepção platônica superada pelos avanços da ciência nas diferentes áreas do conhecimento. A negação histórica do corpo pode ser considerada como inglória, em função das consequências individuais e coletivas presenciadas, atualmente, no século XXI. Ao convidar os estudos de Foucault (1987), para iluminar essa questão em especial, observa-se que ainda hoje a vigilância e a punição são recursos amplamente utilizados. A vigilância e a punição podem ser consideradas como medidas de contenção e restrição sobre comportamentos socialmente apontados como perniciosos, à sociedade. Retomar a discussão sobre o contexto educacional, como espaço de produção de sentidos humanos, delega às instituições escolares a incumbência de *fertilizar* seres humanos no *lato sensu* da humanidade.

É possível que esse mesmo corpo, vigiado e punido, pudesse ser outro se houvesse, efetivamente, uma educação para criação de sentidos e significados pelo sujeito do próprio corpo, verdadeiramente. Nesse momento, o corpo educado, como representação humana, poderia retirar-se da posição de um receptor de punições para ser um promotor de belezas humanas, às formas de vida, reconhecido em seu direito pleno e diverso de existência. Se todo o corpo é atravessado por formas de poder, como aponta Foucault, que esse mesmo corpo tenha confirmado, como um direito humano, a possibilidade de experenciar uma educação pela vida.

De toda a forma, a fragmentação corporal foi o caminho civilizatório empreendido pela humanidade, durante a busca do conhecimento sobre si mesma e como o início do seu percurso diaspórico e epistemológico, ao longo do tempo, diante das estruturas de pensamento, avanços e a apropriação de territórios epistemológicos, relacionados a produção do conhecimento científico. Entretanto, a forma processual utilizada e implementada, pela humanidade em seu processo civilizatório, não apaga nem dissipa o humano imerso nas realidades que o

performa, ou seja, independentemente das capacidades e limitações perceptivas, as interferências e elementos que produzem as realidades, como estruturas e bases da humanidade, existem e implicam antes e para além das percepções e limitações humanas.

A dimensão histórica e cultural encontra-se inscrita no corpo relacional e, segundo de Sant' Anna “conhecer o corpo é, também, uma tarefa incerta, e as certezas acumuladas a seu respeito são provisórias, pois cada corpo longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história” (2014, p.50). Permitir ao corpo a expressão de si é, entre outras considerações, reconhecê-lo em diversidades que transitam de forma circular e não a partir de um modelo previamente instituído e hierarquizado.

Não foi objetivo do presente trabalho, apresentar conceitos e definições sobre a ética, nas diferentes áreas do conhecimento, mas contribuir em relação a discussão acerca do processo de criação e produção de uma ética incorporada.

Gramaticalmente, *no* está relacionado a uma contração e ao uso de um pronome pessoal**,** apresentando como sinônimo a palavra *sobre*, já *do* está relacionado a contração da preposição *de* + o pronome demonstrativo *o* e possui as palavras daquele ou daquilo, como sinônimos. Refletir e discutir sobre o uso relacionado ao *no/do*, extrapola os conceitos advindos da gramática ao serem introduzidos na produção de sentidos e significados, nas diferentes áreas do conhecimento científico. As áreas relacionadas ao conhecimento humano envolvem dimensões associadas ao protagonismo dos agentes envolvidos em contextos diferenciados. Especificamente, o uso da contração da preposição *de* + o pronome demonstrativo *o*, formando *do***,** no contexto do presente texto, está relacionado a autoria humana como produtora de si mesma, a partir de elementos culturais, sociais e dos saberes corporais. Esse reconhecimento parte do senso de pertencimento, a partir de determinado lugar, diante de uma identidade legitimada cultural e corporalmente no exercício de um protagonismo e de uma existência cidadã.

Se os afetos educam, pensar a educação como um lugar de afetos (emoções e sentimentos) é considerar que o contexto educacional pode ser um ambiente promissor e promotor de relações que contemplem afetos pessoais e coletivos.

A dimensão expressiva do corpo pode avançar, a partir do reconhecimento da experiência expressiva, como um direito, assentado em valores e responsabilidades que poderão produzir e promover um respeito à expressão original, entre os seres. Isso é parte de uma educação humana, uma vez que todo o corpo reclama ser autenticado por aquilo que é e pelo que o legitima como unidade humana. Reconhecer e instituir, humanamente, o real e o verdadeiro significado corpóreo, relacionado a vida e as suas implicações na escrita de uma história corporal pessoal e coletiva, envolve um dos grandes desafios da humanidade.

Apresentar a cultura, nesse contexto é sobretudo reconhecê-la como *do* indivíduo, dotado de complexidade e identidade humanas que se perpetuam por meio das manifestações, expressões e representações corporais. Segundo Morin, ensinar a condição humana é acolher e valorizar a diversidade psicológica, cultural, social e biológica, asseverando o autor, que “compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade” (Morin, 2011, p. 50).

Não foi objetivo, do texto, apresentar uma análise exegética, com uma interpretação e explicação mais aprofundada sobre a complexidade apontada por Morin, mas fomentar reflexões acerca da condição humana, seja diante de tudo aquilo que é capaz de promovê-la ou, por outro lado, tudo aquilo que é capaz de desafiá-la.

A ética *no* corpo

A palavra ética tem como origem a palavra grega *éthikos,* e significa modos de ser. De uma maneira geral a ética, no contexto da filosofia, tem como objetivo conhecer e compreender os modos de ser humano relacionados as práticas, comportamentos e hábitos de uma sociedade. Vale lembrar que se a ética está

relacionada aos grupos, passa necessariamente pelos indivíduos, que a constitui e legitima, socialmente. Refletir e discutir sobre valores, atitudes e comportamentos requer a disposição para um movimento dialógico e acolhedor, em se tratando da diversidade atinente a espécie humana.

Sobre essa questão, Hermann (2020) apresenta um texto, em forma de ensaio, sobre questões relacionadas a rejeição do corpo na ética e do silenciamento corporal, recuperando a memória histórica, baseada nos modelos cartesianos, platônicos e cristãos, diante de uma concepção dicotômica, entre corpo e mente, direcionadas à uma ética racional. A autora ressalta sobre as implicações inerentes a tradição do pensamento ético, pautado nas dimensões cognitivas sem reflexionar sobre as influências das emoções e sentimentos apontando que, a partir do século XIX, a ética passa a ser orientada, daí em diante, por novos direcionamentos filosóficos. Em linhas gerais, a tradição filosófica se apropriou de modelos epistemológicos dualista e, ao contrário agora, pensar e discutir o corpo a partir de outros lugares e contextos é credenciá-lo para exercer seu poder legítimo de transformação.

Em continuidade ao que foi apresentado por Hermann, no ensaio publicado, são apresentadas as considerações de Espinosa, relativa à visão de unidade corporal e Damásio em relação a neurociência, ressaltando que ambos convergem sobre a existência de uma continuidade entre as dimensões mentais e físicas corporais. Nesse sentido como aponta Spinoza, sobre uma afetividade que envolve as emoções e os sentimentos, o reconhecimento do corpo como uma experiência humana é fundamental aos processos de uma educação e de uma ética que reconhece a humanidade como potência para a produção e transformação de sentidos e significados. Spinoza assevera que: "Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções" (E. III, definição 3, p. 163). Spinoza afirma que o conhecimento só pode ser alcançado por meio do afeto,

portanto, para que o ser humano seja afetado é necessária uma aproximação dialógica com os dispositivos simbólicos e objetivos do corpo.

A teoria dos afetos indica para uma atenção e valorização do corpo e suas dimensões, para além da dimensão física, asseverando que o corpo passa a ser compreendido como a própria representação humana. A partir das considerações anteriores é importante ressaltar que favorecer e promover o acesso à manifestação e à expressão corporal requer uma percepção corporal ampliada, no contexto das diversidades corporais e a legitimidade expressiva do corpo, como unidade humana.

De acordo com Shusterman:

> Pensamos e sentimos com os nossos corpos, especialmente com as partes do corpo que constituem o cérebro e o sistema nervoso. Os nossos corpos são do mesmo modo afetados pela vida mental, como quando certos pensamentos nos trazem rubor ao rosto, alteram o bater do coração e o nosso ritmo de respiração. A conexão corpo-mente é tão penetrantemente íntima que me parece enganador falar de corpo e mente como duas entidades diferentes e separadas. (SHUSTERMAN, 2012, p. 27).

Destarte, o reconhecimento dos afetos, como elementos inscritos e legitimados pelo corpo é imprescindível ao acolhimento do diverso, a partir de uma identidade e senso de pertencimento dialogando com as realidades, ao invés de silenciamentos. Nessa mesma esteira, as manifestações e expressões corporais, assim como as emoções, precisam ser postas sobre a mesa das relações, visto que o processo de *ser* humano enseja por si só, em desafios pessoais e coletivos.

Utilizando como referência o parágrafo anterior é possível pensar em uma educação dos afetos, o que talvez possa significar um desafio ou que em alguma medida venha a representar um risco, frente a uma educação direcionada à modulação ou enquadramento de afetos. Isso poderá acontecer pela percepção equivocada sobre um tipo de educação, disseminada e direcionada, como um dispositivo de controle sobre aquilo que precisa ser contido. Entretanto, há a necessidade de se questionar sobre a seguinte questão: A partir de que lugar o educador corporal realiza a leitura do corpo, assim como os critérios utilizados para

produzir seu diagnóstico, a fim de implementar uma ação judicativa e teleológica relacionada a educação dos afetos?

De acordo com Deleuze ao analisar as proposições de Spinoza:

> [...] se definirmos os corpos e os pensamentos como poderes de afetar e de ser afetado, muitas coisas mudam. Definiremos um animal, ou um homem, não por sua forma ou por seus órgãos e suas funções, e tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos de que ele é capaz. (DELEUZE, 2002, p. 129).

Nesse lugar de *descobridor* de si mesmo, o ser humano é revestido de poderes e capacidades corporais. No processo de aquisição de conhecimento sobre o corpo, entre os desafios observados, figura-se o reconhecimento de que não existem dicotomias entre o corpo e suas partes, mas a necessidade de uma forma mais ampliada de observar e reconhecer o que é o corpo, efetivamente.

Ainda hoje, no século XXI, algumas áreas do conhecimento concebem e compreendem o corpo fragmentado, em parte. Desconstruir essa percepção corporal reducionista tem envolvido algumas áreas do conhecimento como a Educação, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e as Artes, entretanto, é premente a necessidade de avanços. O fato de reduzir o corpo, quando não considerado, reconhecido ou compreendido como complexo, como apontado por Morin (2006), não o dissipa, mas ao contrário, apenas produz uma percepção e uma visão equivocada e reduzida.

Compreender esse *continuous* do corpo como processo, sempre em via de ser, permite reconhecer uma verossimilhança sobre as partes corporais que o legitimam como um todo, comunicando e implicando-se mútua e constantemente.

A teorias éticas, relacionadas ao escopo principal, propõem-se a investigar e discutir as questões relativas à vida e, dessa forma, considerar todas as dimensões humanas é fundamental ao avanço do conhecimento sobre o corpo, por maiores que sejam os desafios.

Transições corporais: do relativo ao absoluto

Inicialmente algumas considerações relativas ao corpo absoluto podem ser apreendidas como o corpo presente, ou seja, instantâneo em um tempo e espaço específicos. O relativo pode ser considerado como a visão de apenas uma parte do corpo em seus diferentes aspectos cognitivos, afetivos, sociais, culturais, políticos etc., a partir das relações com as diferentes dimensões e contextos cotidianos. É importante ressaltar que, o corpo, apresenta limitações e característica de inacabamento, inferindo-se que nunca será concluído. Freire, em relação a essa questão, diz “gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (Freire, 2000, p. 59), declaração que caracteriza, o corpo, como um lugar de imperfeição e sempre à busca de aperfeiçoamento.

É no contexto do corpo relativo que as relações acontecem, junto as diversas narrativas históricas, como experiência, como aponta Bondía Larrosa:

> [...] poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa” em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”, em italiano, “quello que nos succede” ou “quello che nos accade” em inglês, “That what is happening to us”; em alemão, “Was mir passiert”. (BONDÍA, 2002, p. 21).

Nesse sentido, avançando um pouco mais sobre a concepção de experiência de Bondía é possível considerar que, além de passarem e tocarem o corpo, a partir desse lugar, as experiências transitam e existem como elementos estruturantes do corpo, produzindo uma identidade representada por aquilo que é efetivamente incorporado.

No contexto de afetação e incorporação, o incorporado é justamente aquilo que fica, ou seja, o que foi efetivamente impresso nos sentidos corporais, produzindo e sustentando os argumentos do corpo como inscrição, identificação e significação. Nesse contexto de produção, de sentidos e significados, a afetação é marcada como

um lugar de experiência na qual o corpo foi atingido/tocado. Em suma, é entre esses dois lugares, o relativo e o absoluto, que o corpo transita ao realizar a produção si mesmo e do mundo.

A capacidade de transformação humana está relacionada ao potencial criativo e transmutativo. Nessa esteira de experiências, de acordo com Martin Heidegger:

> [...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (MARTIN HEIDEGGER, 1987, p. 143).

É considerável destacar que o corpo absoluto nunca será totalmente revelado, já que as manifestações e expressões afetivas, cognitivas, físicas, simbólicas e subjetivas são reveladas, baseadas em situações e contextos específicos e determinados. Então, vale dizer e assumir que as manifestações e expressões humanas podem ser tidas como variáveis que transitam entre o relativo e o absoluto, *entre* lugares corporais.

Ética incorporada: a ética *do* corpo

É no contexto de relatividade, ou melhor, durante as relações intrínsecas e extrínsecas que o corpo é constantemente atualizado, recriando dinamicamente o corpo absoluto que é modificado, transformado e interferido à medida que é tocado.

Especificamente, a indicação *do*, relacionada ao corpo, envolve as digitais simbólicas e objetivas que o legitimam como unidade humana, considerando o texto incorporado, como representação de identitária de pertencimento corporal. Destarte, a ética do corpo apresenta a mesma possibilidade de coexistir, nesse mesmo movimento de criação e recriação constante, porém os processos de reformulação



serão diretamente implicados, consciente e inconscientemente pelo corpo, em função do tipo e grau de afetação.

Nessa dinâmica de vai e vem, elementos são perdidos, descartados e outros encontrados e amealhados ao longo dos percursos relacionais que irão determinar, de alguma maneira, as diferentes formas de produção do corpo *atualizado* e *absoluto*, a cada instante.

A ética corporal como um conjunto de dispositivos que argumentam o comportamento do corpo pode ser entendida em sua dinamicidade, como princípios orientadores do comportamento, reformulados a partir das afetações e interferências corporais, simbólicas e concretas, implicados por fatores externos e internos. Nesse lugar de *entre* relações uma parte do corpo, a dimensão relativa é convidada ou, por vezes, coagida a dialogar ou emudecer, promovendo uma reconfiguração corporal durante as trocas relacionais corporais. Após, o corpo absoluto é reconfigurado, apresentando-se de forma instantânea, podendo ser considerado como outro no momento seguinte. Portanto, o corpo é relativo e absoluto, dinamicamente.

É no corpo relativo ou relacional que a trama pessoal dialoga com o tecido tramado direta e indiretamente na criação do novo, ou seja, aquilo que passa a ser tecido em conjunto ou não, em função do tipo e da forma de sensibilização e afetação corporal.

Nas relações contextuais o corpo é parte, mas como representação humana será sempre absoluto. O absoluto, que pode ser entendido como uma representação corporal atualizada, caracteriza-se pela momentaneidade, pois é assim determinado em função de um tempo e um espaço específicos, onde a efemeridade lhe confere movimentos *em ser*, por meio de processos contínuos de atualização.

Os lugares do corpo são coadjuvantes de seus itinerários, visto que é sujeito de muitos espaços, produzido entre contextos pessoais e coletivos na produção de tramas culturais e significados sociais.

Alice Maria Corrêa Medina - TRANSPOSIÇÃO DOS SENTIDOS ÉTICOS: DE UMA ÉTICA NO CORPO PARA UMA ÉTICA DEMOCRÁTICA DO CORPO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-21, e1326, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

As experiências são trazidas ao corpo relativo que, a partir dos significados, criam sentidos e argumentos de existência ocorrendo, desse modo, a incorporação como consequência. Cotidianamente, vários elementos circulam interna e externamente ao corpo, perfundindo-se, onde o elemento principal que diferencia as cotidianidades, ou seja, um dia do outro é o próprio tempo, diante das situações e das coisas que cabem dentro dele.

No espaço e tempo, do absoluto, o corpo *atualizado* se apresenta no instante que é solicitado, sem a chance de fingir-se sobre si mesmo, transparecendo tudo aquilo que é, sem subterfúgios. Nesse sentido, é possível admitir sobre o valor da expressão ética e transitória do corpo, em sua dimensão plena, legitimando sua identidade com aquilo que o representa de maneira momentânea. É nesse ponto que a ética do absoluto se localiza e dá-se a conhecer, pois constituída no campo das relações, revela-se no corpo absoluto como um texto corporal narrado.

Nomeadamente, em relação ao que é considerado como incorporado, Medina (2021) em um artigo relacionado a proposição do Paradigma Relacional da Vida (PRV), como um tear de produção coletiva e diversa, apresenta um exemplo relacionado a noção de incorporação. A autora aduz a seguinte situação:

> Um indivíduo corre sozinho por uma floresta e leva com ele uma garrafa descartável de água e, durante o trajeto bebe toda a água da garrafa. Em um determinado momento a garrafa cai no chão e o indivíduo tem o poder de decidir entre deixar a garrafa no chão a fim de não perder o ritmo da corrida ou voltar e pegar a garrafa. Não há pessoas ou câmaras no percurso. Ele decide voltar e pegar a garrafa para descartá-la em um local apropriado. Neste momento, pode-se dizer que o humano está incorporado à natureza e a natureza a ele (tradução nossa)[1].

[1] Citação original em língua inglesa:
A jogger runs on a path through a small forest. He is alone and there are no cameras or passers-by that may identify him. During his exercise, he holds a small disposable plastic bottle with water so he can drink from it. Once the liquid is over, he continues holding it, so he can throw it away in a waste bin during his route. As he leaps over a fallen branch, he drops it. He has two options: to carry on jogging or to fetch the bottle. He decides to go back and pick up the bottle to dispose of it in an appropriate place. This is the moment when a human can be considered incorporated into nature and nature into him (MEDINA, 2021, p.07).

Pelo exposto acima, o incorporado pode ser compreendido como aquilo que coexiste, integra e representa o próprio corpo. Em sequência, pode-se dizer que o comportamento, como resultado, adquire uma dinâmica automatizada, ou seja, não precisa ser avaliado antecipadamente já que, de alguma maneira, está incorporado ao corpo. Entretanto, para que a incorporação aconteça, como consequência do processo de apropriação pelos sentidos produzidos pelo corpo é necessário que um processo anterior ocorra, em relação aos afetos atravessados e efetivamente incorporados pelas experiências.

O incorporado necessita, determinantemente, passar pelo sensível e perceptivo de cada pessoa. Nessa trajetória, considera-se que o incorporado está totalmente integrado ao corpo, visto que não apenas está, mas é o próprio corpo, realizando-se por meio de pensamentos e ações, configurando-se como algo característico da própria pessoa. Segundo Berge (1988) é justamente quando o corpo adquire uma consciência clara sobre sua própria estrutura, durante a mediação com o mundo, que as informações são captadas dialogicamente e que o espontâneo se manifesta de forma livre e natural. Em relação ao sensível Hillman (2010), afirma que a sensibilidade é como um elemento ligante entre a pessoa e o mundo.

Diante do exposto, nota-se a dimensão de complexidade que envolve o ser humano e suas relações, portanto, o desejo em se almejar uma educação e um desenvolvimento humano tem como primeiro passo reconhecer a assumir, além processo em constituir a si mesmo, dialogar com a diversidade da vida inerente as pessoas, grupos, contextos e situações.

Os comportamentos forjados a partir dos sentidos corporais produzidos e dos dispositivos incorporados são carregados e potencializados por um corpo que tem uma autonomia de realização, chancelada pela relação entre o texto proposto e o texto escrito, de cada discurso corporal, durante a autoria de si mesmo.

Alice Maria Corrêa Medina - TRANSPOSIÇÃO DOS SENTIDOS ÉTICOS: DE UMA ÉTICA NO CORPO PARA UMA ÉTICA DEMOCRÁTICA DO CORPO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-21, e1326, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

Em relação a dimensão expressiva, o corpo se apropria do gesto por meio do qual se apresenta e se comunica no mundo, concedendo à gestualidade a incumbência de comunicar o seu texto. Pode-se dizer que o gesto, ao ser comparado com as palavras como meio de linguagem e comunicação, conduzem a expressar e a sentir e as palavras a pensar.

A autonomia pode ser considerada com um movimento por escolhas e trajetórias pessoais, na realização de si mesmo, que produz implicações relacionais, visto que todo o indivíduo é relacional. Especificamente, no que se refere ao conceito de autonomia, Kant afirma que “a autonomia é aquela sua propriedade graças à qual ela é para si mesma a sua lei [...]” (1994, p. 85). Ao indicar o conceito de autonomia, Kant parte da ideia de liberdade, relacionada ao Direito, não considerando situações caóticas e anárquicas, nas quais cada pessoa faz o que deseja sem medir as consequências dos seus atos.

É imprescindível ressaltar que o exercício da autonomia, carrega a reboque a dimensão de responsabilidade sobre as condutas e as ações e, nesse caso, é essencial a clareza no que tange a responsabilização, já que como elemento determinante da liberdade, como é apontado por Barroso (2014), a autonomia, permite ao indivíduo suas escolhas, baseadas no livre arbítrio.

Cada indivíduo se torna humano a partir do processo de humanização compreendido e realizado no seio histórico-social da cultura a qual pertence. Embora haja a compreensão de que os indivíduos se encontram no mesmo lugar como seres humanos, enquanto espécie, o processo de humanização é diretamente implicado pela percepção e compreensão histórica-social sobre é, efetivamente, ser humano. Convergir para esse mesmo lugar, assentado apenas no entendimento, sobre indivíduos reunidos de uma mesma espécie, não produz e garante que os seres humanos possam se constituir e assumir o legado da humanidade, como um lugar comum de partilha coletiva.



Compreendendo o desenvolvimento humano como um processo histórico-social, Leontiev afirma que "o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade" (Leontiev, 2004, p. 279). Durante o percurso para o desenvolvimento, cada projeto humano tem o objetivo de aprender, visto que ao nascer precisa preparar-se para viver socialmente, diante de uma pauta de relações entre o mundo interno e externo, assim como entre a subjetividade e a objetividade, dialeticamente. Referente a essa questão, Bock esclarece de maneira inequívoca sobre a dinâmica que envolve a ambas, ao indicar que a subjetividade é "concebida como algo que se constitui na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundir" (2001, p. 23).

A educação é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores humanas, para a humanização (Facci, 2004), porquanto que a elaboração subjetiva é mediada entre a apropriação histórica e as funções superiores como, por exemplo, o pensamento e o raciocínio, entre outras funções.

Diligentemente, a sociedade promove o humano segundo suas referências e elementos estruturais que não garantem, em nenhum estágio de formação durante a marcha pela humanização, os resultados, uma vez que os seres humanos podem ser considerados como consequências sociais extemporâneas.

Além da autonomia, comentada acima por Barroso, há a dimensão subjetiva individual e coletiva que integram e estruturam o corpo e que são mediadas pelas relações sociais.

No que tange a essa última questão, Macedo e Silva (2019), afirmam que as experiências transubjetivas são consideradas como dispositivos significativamente transformadores, que devem estar relacionados aos processos de ensino-aprendizagem. Dialogicamente o corpo, relacionado a transubjetividade em um contexto coletivo, está associado a intersubjetividade, ou seja, ao que é comum aos

Alice Maria Corrêa Medina - TRANSPOSIÇÃO DOS SENTIDOS ÉTICOS: DE UMA ÉTICA NO CORPO PARA UMA ÉTICA DEMOCRÁTICA DO CORPO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-21, e1326, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

integrantes de um mesmo grupo. Desse modo, a cultura é vista como uma construção comunitária de simbolismos e subjetividades tecidas no corpo sociocultural.

Considerações finais: sobre uma ética incorporada

O corpo em si é uma potência absoluta que se revela em contextos e ambientes que funcionam como propulsores para as manifestações e expressões corporais.

Não obstante, tudo que pauta os discursos e as ações sobre a vida são representações perceptivas, estruturadas pelas formas de se relacionar *no* e *com* o mundo, constituídos pelo viver como um direito daqueles legitimados por um corpo, como uma existência viva e pulsada.

Aprender a humanidade aprendendo a ser, por meio da experiência vivida, como protagonista de outras formas de viver e produzir o mundo é algo complexo e desafiante. Assumir seu protagonismo e realizar a transposição do corpo relativo ao corpo absoluto, por meio de uma incorporação ética como autor frente a criação de uma identidade, legitima o corpo diante dos valores, atitudes, comportamentos e, sobretudo, assentado naquilo que o legitima como *ser* caracterizando-se como centro e parte, concomitantemente, da vida.

Incorporar significa, *trazer* para o corpo, e esse movimento se dá por meio das relações estabelecidas entre a dimensão subjetiva do indivíduo e os fenômenos com os quais dialoga. Segundo Saviani, um indivíduo "só pode tornar-se homem se incorporar, em sua própria subjetividade, formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convive"(2004, p. 46).

É necessária, no século XXI, diante dos desafios que ainda persistem em relação ao conhecimento sobre o corpo e a humanidade, de uma convergência conceitual e epistemológica das áreas de conhecimento, em relação a compreensão



e ao reconhecimento do corpo em todas as suas dimensões, e não apenas como algo fragmentado e reduzido. Tal entendimento poderá ampliar a percepção coletiva, em relação aos impactos culturais e sociais, revelando potências corporais destacando-se que, para que seja inspirado e motivado, o corpo precisa ser tocado/afetado de alguma forma.

Hodiernamente, distanciada da concepção de um corpo acossado anteriormente, há a necessidade de uma expansão corporal, legitimada pelo direito e identidade humana, visto que a base de toda a humanidade explica e evidencia-se por meio do corpo. A expansão, considerada como um direito do corpo, autoriza cada sujeito a assumir seus processos. Em relação a essa questão, Oliveira (2015, p. 79) assevera que:

> Ser *sujeito* implica ter autonomia, ser partícipe da construção de sua história, de sua cultura e de sua educação. Ser sujeito pressupõe reconhecer-se como tal, o que implica em conscientizar-se sobre sua situação de opressão social, de sua situação de sujeito negado em uma realidade social injusta e desigual. Entretanto, assumir-se sujeito implica na não negação ou exclusão do outro. Para Freire (1997, p. 46), 'a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a 'outredade' do 'não-eu' ou do 'tu', que me faz assumir a radicalidade do meu 'eu'.

Transcender de uma concepção ética *no* corpo para uma concepção ética *do* corpo, epistemе e socialmente é convidar o corpo relativo e absoluto a tecer coletivamente e expressivamente, já que a inação, em relação aos espaços dialógicos do corpo, produziu e ainda produz crises humanas e ambientais, possivelmente, pela ausência de um corpo diverso e proprietário de si. Embora as fragilidades, as limitações, os constrangimentos e todas as imperfeiçoes humanas e, portanto, expressivamente corporais existam e representem um desafio à ética, considera-se que os argumentos sobre a relevância da incorporação, possa significar a criação de uma identidade humana que se traduza em mais respeito e acolhimento, no momento em que cada pessoa e cada sociedade se sintam representados.

Refletir o quanto é mais interessante social e coletivamente ter um corpo autêntico e cidadão, protagonista da vida ao invés de um corpo reduzido, requer um discernimento quanto a participação humana no tecido da vida. Em se tratando de uma ética pessoal e socialmente incorporadas, o movimento será de por meio de uma desconstrução perceptiva sobre o corpo, como representação humana, para além das plataformas judicativas e sociais. Descobrir e aprender o corpo, a partir de um movimento horizontal e circular, não verticalizado, reposiciona os corpos humanos lado a lado, em seus direitos e responsabilidades com a vida e no mundo.

O ser humano é e será eternamente, por sua incompletude, um vir a ser tornando-se e reestabelecendo-se, constantemente, sempre à procura de um devir que promova uma inscrição autoral de maior excelência ou simplesmente sobre aquilo que lhe for possível ser. Durante um tempo e um espaço, compartilhados, grafará seu texto sobre a vida e será citado como autor, ao final da página por sua escrita no mundo.

Considerar as bases e nuances das dinâmicas cotidianas é fundamental para compreender sobre o que há muito se sabe, ou seja, que a realidade acontece a cada percurso que só a percepção e a experiência podem revelar. Imprimir uma ética *estrangeira* ao corpo, que desconsidera sua textura, estrutura e, sobretudo, as linhas percorridas não transforma a realidade e efetivamente não será incorporada. São nas escritas corporais, em seus saberes, experiências e movimentos que as cenas são criadas e as histórias impressas, onde o fazer e o transformar estão sob a égide de um corpo protagonista produzindo a vida, esculpindo a cada tempo e espaço, regidos pelos sentidos que atribui a existência.

A educação ética não parte de modelos e comportamentos desprovidos de sentidos, mas antes, de um movimento de respeito, escuta e construção de um consenso civilizatório democrático, reconhecendo que as bases e as estruturas de uma educação humana, devem ser dimensionadas pelos saberes, experiências e memórias corporais, em prol de uma edificação do coletivo.

Que a ética possa ser gerada e revelada por meio de sentidos humanos, coletivamente produzidos por cada pessoa e cada grupo, gestada como uma identidade e pertencimento humano e social, durante o movimento em seu devir.

O presente texto pode ser lido como uma pauta sobre a qual é preciso considerar as texturas e a gramatura do papel, antes de impor uma escrita, reconhecendo que o resultado textual se revela não apenas pela cor da caneta escolhida para escrita, mas também a partir da forma pela qual é absorvida e dialogada com a estrutura de cada papel. Destarte, a depender do diálogo entre as variáveis textuais, o texto apenas estará escrito coercitiva e superficialmente e os agentes não o tomarão efetivamente, a fim de transformar e produzir outras realidades.

Há a necessidade premente da criação de canais sociais e culturais que dialoguem com as singularidades, coletivamente. O grande desafio é a relação entre as antinomias, como proposições lógicas e coerentes e, em alguma medida, contraditórias quando se trata da relação entre o sentido pessoal, associado a dimensão ética e o significado, como algo socialmente produzido e disseminado.

Referências:

BARROSO, Luís Roberto. *A dignidade da pessoa humana no direito constitucional contemporâneo:* a construção de um conceito jurídico. Belo Horizonte: Fórum, 2014.

BERGE, Yvonne. *Viver o seu corpo:* Por uma pedagogia do movimento. / Yvonne Berge; [tradução Estela dos Santos Abreu e Maria Eugênia de Freitas Costa; revisão Mônica Stahel M. da Silva]. –4. ed.-São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOCK, Ana Mercês B. (2001). A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica:* uma perspectiva crítica em Psicologia. (pp. 15-35). São Paulo: Cortez, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº19, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa***:** filosofia prática. SP: Escuta, 2002.

DE SANT' ANNA, Denise Bernuzzi. Descobrir o Corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, *[S. l.]*, v. 25, n. 2, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46832 Acesso em 24 out. 2023.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?* Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do Construtivismo e da Psicologia Vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia.* São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HERMANN, Nadja. Ética e corpo: a relação silenciada. *Educação e Pesquisa* [online]. 2020, v. 46. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/KBzPHNQP8rRb5GDghRQMKjP/abstract/?lang=pt Acesso em 24 out. 2023.

HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. In: *De camino al habla.* Barcelona: Edicionaes del Serbal, 1987.

HILLMAN, James. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Trad. Gustavo Barcellos. Campinas: São Paulo, Verus. 2010.

KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. In: *Textos selecionados*. São Paulo: abril, 1994.

LEONTIEV, Alexis, N. *O desenvolvimento do psiquismo***.** São Paulo: Centauro. (Trabalho original publicado em 1978), 2004.

MACEDO, Adriana Ribeiro; SILVA, Sérgio Luiz Pereira. O lugar do corpo na escola: ensaio sobre o corpo no debate dialógico sobre direitos humanos. In: PASSOS, Pâmela Santos; MULICO, Lesliê Vieira. *Educação e Direitos Humanos na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica* João Pessoa: IFPB, 2019.

MEDINA, Alice Maria Corrêa. Relational paradigm of life new meanings and values for life when viruses threaten. *Revista da FUNDARTE*, *[S. l.]*, v. 44, n. 44, p. 1–10, 2021. DOI: 10.19179/2319-0868.819/862. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/862. Acesso em 24 out. 2023.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo.* Porto Alegre: Sulina; 2006.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. *Paulo Freire*: gênese da educação intercultural no Brasil. Curitiba: CRV, 2015.

SAVIANI, Dermeval. Perspectiva marxiana do problema subjetividade intersubjetividade. *In:* Duarte, N. (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade***.** (pp. 21-52). Campinas: Autores Associados, 2004.

SHUSTERMAN, Richard. *Thinking through the body:* essays in somaesthetics. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SPINOZA, Baruch de. *Ética.* Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Alice Maria Corrêa Medina
Professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB), Docente da Faculdade de Educação Física da UnB.
Áreas/Temas: Educação, Educação Infantil, Corpo, Cultura, Produção de Sentidos e Educação Ambiental.
Pós-doutorado:
Pós-doutorado em Educação - Universidade de Barcelona - Espanha
Pós-doutorado em Educação - Universidade de Brasília - Brasil
Pós-doutorado em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9647-7951
E-mail: licinhamedina@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 25 de outubro de 2023
Aceito em 21 de novembro de 2023



Editor: Júlia Maria Hummes

ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/.